

A RETIRADA QUE NÃO ABANDONA

Sobre a hora em que o pai deixa de comandar e aprende a permanecer: a arte madura de sair da gerência sem sair do afeto.

Ainor Francisco Lotério

Há um momento na vida de todo homem que construiu alguma coisa em que a obra deixa de precisar dele e passa a precisar da sua ausência. Esse momento raramente é anunciado. Ele chega disfarçado de pequeno atrito doméstico, de um móvel mal colocado, de uma pia fora do lugar, de uma observação bem intencionada que se transforma em desconforto na sala inteira. Quem viveu isso sabe: não é o assunto que pesa, é o lugar de onde a voz saiu.

Este texto nasce dessa constatação simples e difícil. Quem entrega uma obra precisa entregar junto o direito de corrigir. Enquanto o corpo entra na casa como dono e a boca afirma que já passou o bastão, o conflito é inevitável, não por maldade de ninguém, mas por ambiguidade de posição.

1. O ATRITO NÃO É SOBRE O MÓVEL

Discussões familiares quase nunca tratam do tema que aparece na superfície. O móvel, a reforma, o horário, a decisão de negócio, tudo isso é apenas o pretexto visível de uma disputa invisível por autoridade. Quando o pai opina sobre a casa do filho, o filho não escuta uma sugestão técnica, escuta uma avaliação sobre a sua capacidade de conduzir a própria vida. E quando a esposa entra no meio, ela não está tomando partido, está tentando proteger o vínculo que percebe ameaçado.

Reconhecer isso muda tudo. O problema não é quem tem razão sobre o objeto. O problema é quem tem o direito de decidir sobre ele. E esse direito, quando a obra já foi entregue, pertence a quem hoje mora ali.

2. DUAS FORMAS DE AFASTAMENTO

Existe um afastamento que liberta e existe um afastamento que adoece. São gestos parecidos por fora e opostos por dentro.

O primeiro é a retirada do comando com a permanência do afeto. O homem sai da gerência, deixa de arbitrar, para de corrigir, e continua presente, disponível, alegre, inteiro. Ninguém sente falta dele porque ele não sumiu, apenas mudou de função.

O segundo é a retirada como cobrança. O homem se afasta magoado e leva junto a presença, para que a falta seja sentida. É uma forma silenciosa de punição, e costuma ser eficaz por algum tempo, até que endurece o coração de todos. Quem escolhe esse caminho ganha o argumento e perde a convivência.

A pergunta que separa um do outro é honesta e íntima: eu estou saindo para que eles cresçam ou estou saindo para que eles sintam?

3. O Esvaziamento como maturidade

A tradição cristã chama de kénosis o gesto de esvaziar-se voluntariamente do poder sem perder a identidade. Aplicada à vida familiar, ela significa abrir mão do direito de corrigir sem abrir mão do dever de amar. Não é renúncia à experiência acumulada, é renúncia à imposição dela.

A experiência de quem já viveu muito continua valiosa. Ela apenas troca de regime: deixa de ser ordem e passa a ser reserva. Fica guardada, disponível, esperando ser pedida. E quando é pedida, vale dez vezes mais do que quando é oferecida sem convite.

4. REGRAS PRÁTICAS DE CONVIVÊNCIA

Princípios sem prática viram apenas boa intenção. Quatro critérios simples sustentam a retirada madura no dia a dia.

Primeiro: opinar somente quando perguntado, e uma vez só. A segunda vez já não é opinião, é pressão.

Segundo: na casa dos filhos, o que está mal colocado não é problema do pai, é aprendizado deles. Errar em paz também educa.

Terceiro: não discutir dentro do calor do momento. O que precisa ser dito sobrevive a vinte e quatro horas de silêncio. O que não sobrevive, não precisava ser dito.

Quarto: voltar sem discurso. O retorno mais poderoso é aquele que dispensa explicação do ocorrido. Presença sem cobrança apaga mais mágoa do que qualquer justificativa bem construída.

5. PARA ONDE VAI A ENERGIA QUE SOBRA

Quem sai da gerência descobre uma quantidade enorme de energia liberada. Se essa energia não encontrar destino, ela volta para o conflito. Por isso a retirada precisa ser acompanhada de uma ocupação verdadeira, não de um passatempo.

Escrever, plantar, cuidar da terra, receber os netos, servir, estudar, ensinar. A vida madura não é vazia de tarefa, é livre de disputa. O que muda não é a quantidade de trabalho, é a natureza dele: sai o trabalho que exige mandar e entra o trabalho que exige apenas ser.

6. AJUDAR SEM GOVERNAR

É possível ajudar muito sem governar nada. Ajuda quem empresta a mão sem exigir o volante. Ajuda quem financia sem lembrar que financiou. Ajuda quem aparece no dia difícil e não comenta o erro que previu. Ajuda quem reconhece as limitações de cada um, inclusive as próprias, sem usá-las como argumento.

Essa é a forma superior de presença: estar por perto de tal modo que a família se sinta mais forte, e não mais vigiada.

7. O QUE FICA

Quem construiu uma casa, um negócio, uma família, um nome, sente na pele que entregar dói. Mas o legado não se mede pelo que continuamos controlando, e sim pelo que continua funcionando sem nós. Um pai que consegue se afastar do comando e permanecer no afeto entrega aos filhos a única herança que não se divide em inventário: a liberdade de conduzir a

própria vida com a certeza de que ainda são amados.

Sair da gerência não é desistir. É concluir.

TEMAS CORRELACIONADOS NOS PORTAIS

Outros textos e materiais sobre família, sucessão, longevidade, liderança e Agrosafia estão reunidos nos portais:

Pedagogia da Ausência, sucessão familiar e convivência entre gerações: www.ainor.com.br

Família, educação dos filhos e formação de caráter: www.ainor.com.br

Longevidade, maturidade e sentido da segunda metade da vida: www.loterio.com.br

Agrosafia, terra, trabalho e sabedoria de vida: www.ainor.com.br

Cooperativismo, liderança e sucessão nas organizações: www.loterio.com.br

PALESTRAS, CURSOS E REFLEXÕES

Ainor Francisco Lotério

E-mail: ainorfloterio@gmail.com | contato@ainor.com.br

WhatsApp: (47) 99967-5010

Formulário de contato: <https://loterio.com.br/contato/>